

RECOMENDAÇÕES PARA TERMINOLOGIA UNIFORME EM SERVIÇOS ASSISTIDOS POR ANIMAIS (AAS) - Traduzido

Amy Johnson Binder dramyjohnsonlpc@gmail.com, Nancy Parish-Plass , Meg Kirby , Melissa Winkle , Daniela Plesa Skwerer , Laura Ackerman , Cindy Brosig, Wendy Combe, Ester Delisle, Marie-José Enders-Slegers, Jo-Ann FowlerOlá Laura , Tiffani Howell, Michael Kaufmann, Mariana Kienast, Miyako Kinoshita, Débora Ngai, Brigitte Wijnen.

Resumo

Ao longo dos anos, a gama de serviços envolvendo animais beneficiando pessoas, frequentemente descritos como “intervenções assistidas por animais” (AAIs), tem sido atormentada por taxonomia, terminologia e definições confusas e inconsistentes. Isso causou dificuldades para a delimitação de papéis de provedores de serviços, para os destinatários de serviços, bem como para a preparação, treinamento e expectativas dos animais que trabalham em diferentes papéis. Pode-se argumentar que essas dificuldades comprometeram o desenvolvimento do campo em termos de estabelecer padrões acordados de prática, qualificações e competências e adotar boas práticas de bem-estar animal. Também provavelmente limitou a base de evidências, pois os termos de busca usados para acessar estudos não são consistentes, e os protocolos de estudo são difíceis de comparar, faltando uniformidade na terminologia. Além disso, a terminologia atual não pode acomodar a expansão e diversificação de programas nos últimos anos, o que provavelmente continuará à medida que o campo evolui. Estabelecer uma taxonomia, terminologia e definições uniformes e acordadas internacionalmente é crucial para refletir com mais precisão as principais características de diferentes abordagens, definir o escopo e as competências de diferentes prestadores de serviços e seus animais, fornecer transparência sobre os serviços para os destinatários e garantir a preparação, o treinamento e o suporte adequados dos animais que trabalham com eles.

As recomendações neste artigo são o resultado de um grupo de trabalho internacional que se reuniu ao longo de dois anos. O termo abrangente serviços assistidos por animais (AAS) é proposto, definido como serviços que são facilitados, guiados ou mediados por um provedor de serviços de saúde ou humanos ou educador, que trabalha com e mantém o bem-estar de um animal especialmente qualificado para fornecer processos terapêuticos, educacionais, de suporte e/ou de melhoria visando melhorar o bem-estar dos humanos. Os AAS são categorizados em três áreas principais: tratamento, educação e programas de suporte. Uma recomendação para terminologia específica do provedor também é sugerida. O objetivo dessas propostas é definir expectativas e limites claros para cada especialidade de prática, sem comprometer a riqueza e a diversidade de cada abordagem. A adoção deste novo termo abrangente e suas categorias visa melhorar a clareza para todos os envolvidos no recebimento e na entrega de serviços, bem como para aqueles que estudam seus efeitos.

Introdução

Nas últimas décadas, a amplitude de iniciativas em que os animais beneficiam as pessoas se expandiu e se diversificou para incluir resposta a crises, treinamento, programas vocacionais, educação, iniciativas em ambientes de saúde e muito mais. Comum a todos é a promoção, facilitação e suporte do bem-estar humano. No entanto, a diversidade e especialização das equipes humano-animal têm implicações para os provedores, tratadores, animais e destinatários dos serviços. Embora igualmente importantes, há diferenças significativas nos serviços que as equipes fornecem, que são amplamente baseadas na educação formal e treinamento do tratador, qualificações e credenciais e escopo de prática. Conclui-se que a descrição e as habilidades dos animais envolvidos também variam.

Muitas equipes de visitantes voluntários pertencem a organizações que têm um rico histórico de educação, avaliação e registro de equipes humano-animal para critérios muito específicos para visitas informais com humanos. Eles podem visitar um local duas vezes por semana e permanecer por até 2 horas. Durante esse período, eles podem ter várias interações breves com os destinatários, cada uma durando alguns minutos. O tratador é o único responsável por cuidar do animal e manter boas práticas de bem-estar, incluindo encerrar uma interação se o animal mostrar sinais de sofrimento ou desconforto. Em contraste, uma equipe de provedor de saúde

licenciado/credenciado/registrado-animal pode fornecer serviços muito diferentes. Os clientes podem ser vistos com mais frequência, por uma duração maior por sessão e para um plano de tratamento específico que foi baseado em uma avaliação de saúde física, cognitiva ou mental. O tratador de animais também pode ser o provedor de saúde que faz malabarismos com as responsabilidades do cliente, do plano de tratamento, do equipamento e do animal.

Atualmente e historicamente, a terminologia mais amplamente usada é orientada em torno de intervenções assistidas por animais (AAI) como o termo guarda-chuva, cobrindo várias categorias de serviços que foram subsumidas sob os nomes: terapia assistida por animais (AAT), educação assistida por animais (AAE) e atividades assistidas por animais (AAA). Descrições e definições desses termos foram publicadas pela International Association of Human Animal Interaction Organizations (IAHAIO, 2018) e Animal-Assisted Intervention International (2022).

No entanto, permanecem inconsistências na forma como esses serviços são descritos, praticados e relatados na literatura profissional e na mídia. Sem terminologia e definições uniformes, os padrões de prática têm sido difíceis de definir e monitorar, a qualidade e a adequação das interações podem ser impactadas negativamente e pesquisas de qualidade podem ser difíceis de conduzir (Parish-Plass, 2014 ; Trevathan-Minnis et al ., 2021). Líderes no campo, pesquisadores e provedores, têm expressado cada vez mais preocupações sobre a terminologia prolífica e inconsistente usada nos últimos anos. Eles têm repetidamente pedido a adoção de termos e definições uniformes e ideais para fornecer mais clareza conceitual no campo (Beck e Katcher, 2003 ; Kruger e Serpell, 2010 ; Parish-Plass, 2014 ; Fine et al ., 2019 ; Fine e Andersen, 2021). Por exemplo, em 2021, um documento de consenso foi publicado para recomendar terminologia uniforme ideal para serviços que incorporam equinos para beneficiar pessoas (Wood et al ., 2021). Os benefícios declarados de tal abordagem incluíam o avanço do desenvolvimento científico futuro e a medição confiável da eficácia, mitigando problemas futuros relacionados à terminologia, protegendo os consumidores, removendo obstáculos de reembolso e ajudando médicos e seguradoras a adotar, recomendar e financiar alguns desses serviços. Mais recentemente, um estudo internacional de terminologia em interações humano-equinas (Mattila-Rautiainen et al ., 2023) destacou a necessidade de esclarecimento de termos para abordar diferenças culturais e metodológicas. Os autores do estudo sugeriram a criação de uma matriz de termos que incluísse descrições dos serviços fornecidos, levando a uma compreensão mais clara por profissionais e clientes desses serviços, além de permitir melhor intercâmbio e pesquisa intercultural e relacionada ao trabalho. Os autores deste artigo revisaram esses documentos e apoiam os termos recomendados, mas ainda é necessário fornecer definições claras e operacionais para os termos usados em iniciativas além do contexto equino.

Neste artigo, nós:

- explicamos, usando exemplos, por que o uso contínuo de terminologia inconsistente e pouco clara é particularmente prejudicial à aceitação e ao reconhecimento do campo como um conjunto de práticas baseadas em evidências e cientificamente fundamentadas;
- propomos terminologia e definições que devem fornecer mais clareza e orientar a compreensão do escopo e dos requisitos das diferentes práticas que incluem animais para beneficiar humanos. Os termos recomendados que são propostos são: serviços assistidos por animais (AAS) como o termo geral e tratamento assistido por animais (AATx), educação assistida por animais (AAE) e programas de suporte assistido por animais (AASP) como subcategorias. Recomendações para terminologia específica do provedor também são propostas;
- sugerimos maneiras pelas quais profissionais da área, pesquisadores e indivíduos, organizações e provedores educacionais que tenham interesse especial em interações humano-animais (IAH) e EAA em qualquer capacidade, podem contribuir para implementar essas mudanças.

POR QUE A TERMINOLOGIA UNIFORME É IMPORTANTE?

Conhecimento especializado requer terminologia consistente para a representação, comunicação e ensino de conceitos para profissionais (Cabré, 2002). Cada profissão tem seu léxico específico da indústria (Cabré, 2002) para ajudar os leitores a compreender os contextos técnicos e as interações entre os conceitos. Profissionais em um campo ou indústria devem falar a mesma língua, desenvolver literatura baseada em evidências e elaborar diretrizes de competência para garantir consistência e entendimento entre eles, bem como para aprimorar a colaboração interprofissional. Dentro do campo do que até então foi chamado de AAI, não existe um vernáculo totalmente aceito.

Para que o campo seja visto como uma área de prática confiável e orientada por pesquisa com potencial de crescimento, uma linguagem consistente deve ser adotada. Os processos envolvidos em várias áreas do campo não

podem ser compreendidos na ausência de uma linguagem consistente especificando como os serviços são configurados ou entregues. Os acadêmicos devem começar a partir de conceituações e definições semelhantes de construções centrais para tirar conclusões cientificamente válidas sobre a validade interna e eficácia deste trabalho.

PROBLEMAS COM A TERMINOLOGIA ATUAL PARA PROFISSIONAIS, DESTINATÁRIOS E PÚBLICO EM GERAL

O campo de práticas de AAls se desenvolveu e evoluiu dramaticamente nos últimos 50 anos. Termos como AAT, ou historicamente, “terapia com animais de estimação”, são amplamente usados como termos abrangentes para descrever um amplo espectro de interações, incluindo aquelas cujo contexto ou processo não envolve terapia. O termo “intervenção” tem sido particularmente problemático e a causa de muito debate no campo e entre aqueles dentro deste grupo de trabalho. Para alguns, o próprio termo “intervenção” pode ser comumente usado como sinônimo de tratamento ou serviço humano. Para outros, e para grande parte do público, o termo é definido como uma tentativa de remover comportamentos indesejáveis (Loss, 2008) de uma maneira que interfere fortemente, como o ato de “intervenção” dentro do campo do abuso de substâncias.

Da mesma forma, os termos “cavalo de terapia” ou “cão de terapia” são comumente usados para descrever um animal que participa de atividades ou serviços recreativos, educacionais e de apoio. Eles nem sempre estão dentro do contexto de terapia, tratamento de saúde mental ou outros tipos de tratamento profissional ¹ e implicam que o animal é de alguma forma o terapeuta, com uma capacidade inerente de ser terapêutico ou “ministrar” terapia. Os problemas decorrentes dessa falta de clareza e alternativas propostas são abordados em Howell et al . (2022) e não são abordados neste artigo. ¹

Essa falta de terminologia consistente e clara complicou a definição de padrões relevantes e amplamente aceitos no campo, definindo competências cruciais do provedor, credenciamento de humanos e animais que os acompanham e, portanto, confundindo órgãos governamentais. Por exemplo, um programa pode ter efeitos terapêuticos e fornecer muitos benefícios, mas não pertencer a um campo reconhecido de terapia. Uma prática só pode ser considerada terapia quando um terapeuta licenciado, credenciado e/ou credenciado está envolvido no processo terapêutico e a intervenção envolve objetivos terapêuticos, técnicas terapêuticas apropriadas e resultados mensuráveis. Os autores enfatizam que, para trabalhar com animais na prática de forma ética, os provedores devem trabalhar dentro de seus limites de conhecimento, habilidades e competência. Categorizar incorretamente o trabalho de alguém como terapia, quando o provedor não é profissionalmente credenciado, licenciado e registrado, prejudica a reputação e a eficácia percebida dos serviços. Clientes que precisam de terapia podem ser inadvertidamente prejudicados por provedores que professam fazer terapia, mas não têm educação e licenciamento, credenciais ou registro para conduzir a terapia. Os programas devem declarar sua preparação específica, objetivos, escopo, métodos, técnicas, processos e resultados projetados.

PROBLEMAS COM A TERMINOLOGIA ATUAL PARA PESQUISA E PUBLICAÇÃO

A falta de especificidade ou operacionalização clara dos métodos e padrões de prática usados sob a terminologia atual também confunde pesquisadores e teóricos, tornando desafiador avaliar e comparar os resultados de pesquisas que investigam os efeitos de qualquer prática específica (Fine, 2010 ; Griffin et al ., 2011 ; Fine e Beck, 2015). O uso de terminologia não padronizada dificulta a publicação de um estudo científico de interações e serviços assistidos por animais porque impede a possibilidade de comparar estudos, limitando severamente a capacidade dos pesquisadores de conduzir meta-análises que lhes permitiriam começar a tirar conclusões sobre questões importantes como dosagem, duração e eficácia geral entre populações. Os revisores podem não ter conhecimento sobre a linguagem incomum ou inconsistente que é usada, ou mesmo entender que há várias maneiras de incluir animais e as diferenças entre eles. Por exemplo, muitos estudos incluídos em várias meta-análises referem-se erroneamente à AAT, apesar de investigarem o efeito da presença de um animal em situações não terapêuticas. É impossível chegar a um consenso sobre se uma abordagem pode ser considerada eficaz se não definirmos com precisão o ambiente, as qualificações do provedor, a metodologia e o conteúdo da intervenção investigada pelo estudo de pesquisa com termos consistentes.

Em resumo, espera-se que a adoção de terminologia uniforme forneça um caminho claro para melhorar a qualidade do serviço para o destinatário e para determinar treinamento e qualificações apropriados para os provedores. Além disso, padrões de prática e competências mais explícitos levariam a maior confiança e credibilidade científica e pública no campo.

Métodos

COLABORAÇÃO AAIL E IAHAIO

O processo de construção de consenso começou em 2020 com a colaboração do grupo de trabalho entre a Animal-Assisted Intervention International (AAIL) e a International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO). A AAIL foi fundada em 2012 e é uma organização sem fins lucrativos dirigida por membros (incluindo organizações e provedores individuais) que expandiu os padrões de prática, competências, acreditação e educação continuada para provedores de AAS, incluindo treinadores de animais que trabalham com pessoas e seus cães que conduzem serviços assistidos por animais (Animal-Assisted Intervention International, 2020). Um dos principais objetivos da AAIL tem sido facilitar colaborações internacionais com outras organizações para profissionalizar as práticas de AAS. A AAIL é apoiada por 112 membros individuais e organizacionais em seis continentes.

Em 1992, a IAHAIO foi fundada como uma associação global de organizações que se envolvem em prática, pesquisa e/ou educação em serviços humanos assistidos por animais, interações humano-animais e treinamento de animais de serviço (IAHAIO, 2018). Existem mais de 110 organizações membros dentro da IAHAIO, em 30 países diferentes. Uma das direções estratégicas da IAHAIO é estabelecer forças-tarefa internacionais para abordar questões urgentes no campo, por exemplo, a força-tarefa internacional para padrões em melhores práticas de AAI e bem-estar animal (Estratégia 7). Ela fornece diretrizes internacionais sobre muitos aspectos de AAS, declarações de posição e declarações.

A liderança da AAIL e da IAHAIO decidiu formar o Consórcio Internacional de Interações Assistidas por Animais (IC-AAI), uma força-tarefa internacional composta por indivíduos, organizações e instituições educacionais experientes que se envolvem em interações assistidas por animais. Como um primeiro passo em direção a essa meta, quatro membros principais, Melissa Winkle e Amy Johnson Binder (representando a AAIL) e Marie-Jose Enders-Slegers e Jo-Ann Fowler (representando a IAHAIO) colaboraram por mais de um ano e meio para enquadrar projetos e revisar literatura.

CRONOGRAMA DE EVENTOS

Para a próxima etapa, eles prepararam e apresentaram um workshop de meio dia para a International Society for Antrozology, revisando termos e definições anteriores e atuais da literatura e dos documentos oficiais das organizações AAI e Human-Animal Interaction. Breves apresentações foram feitas, seguidas por grupos de discussão semiestruturados entre os participantes e facilitadores. As discussões do workshop foram focadas na clareza dos termos e implicações da terminologia, identificação de termos mais transparentes e recomendação de termos conforme descrito neste artigo.

Após esse processo, por meio de um convite ao vivo e gravado apresentado na sessão da conferência ISAZ 2020, na sessão da conferência IAHAIO 2021 e no Fórum de Membros AAIL 2021, juntamente com um convite aberto internacional por e-mail e mídia social, membros em potencial foram procurados para se juntar à força-tarefa IC-AAI para identificar problemas de terminologia e fazer recomendações para resolvê-los.

Três convites pessoais foram estendidos a especialistas respeitados em saúde mental/física e medicina veterinária que são conhecidos por suas contribuições em AAls. O objetivo deles era monitorar e revisar periodicamente os resultados do grupo. Um total de 91 pessoas se juntaram ao grupo de trabalho geral do IC-AAI, que consistia dos quatro presidentes originais do IC-AAI, duas dúzias de professores universitários, pesquisadores, condutores de cães voluntários, treinadores de cães e provedores de uma variedade de disciplinas, trabalhando com diferentes populações, em mais de 13 países. Os membros do grupo de trabalho geral foram convidados a se juntar a qualquer um dos quatro grupos de trabalho específicos de tópicos: (1) terminologia AAI, (2) terminologia de animais de terapia, (3) regulamentações governamentais para AAI e (4) qualificações e educação continuada para AAI. Os indivíduos foram colocados em pelo menos uma de suas duas principais escolhas de grupo de trabalho. A contribuição intensiva dos membros desses grupos durou 2 anos.

Vinte e sete membros individuais com experiência em AAS de várias disciplinas e práticas de todo o mundo se inscreveram no grupo de terminologia da AAI, que culminou neste artigo. Este grupo de trabalho foi encarregado de revisar e recomendar terminologia unificada e ideal para aqueles que incorporam animais em seus serviços. O grupo de trabalho foi facilitado por Amy Johnson e Nancy Parish-Plass. O grupo de trabalho se reuniu virtualmente no Zoom para oito reuniões, de janeiro de 2022 a agosto de 2022, bem como trabalhou continuamente por e-mails e documentos compartilhados até setembro de 2023. Os quatro presidentes originais se reuniram regularmente

durante o mesmo período para discutir o progresso e fazer recomendações. A lista de membros está indicada na lista de autoria do artigo. Este artigo relata os resultados do grupo de terminologia da AAI. Não houve suporte financeiro para este grupo de trabalho (Tabela 1).

Tabela 1.

Cronograma dos eventos.

Abril de 2020	IAHAIO/AAIL uniram forças para profissionalizar as práticas de AAS começando com uma terminologia uniforme
Junho de 2020	IAHAIO/AAIL conduziu um workshop de meio dia na conferência ISAZ; formou o Consórcio Internacional de Intervenções Assistidas por Animais
Setembro de 2021	IAHAIO/AAIL apresentou os resultados do progresso do trabalho na conferência IAHAIO e no fórum mensal da AAIL.
Janeiro de 2022	Foram formados grupos de trabalho que incluíam terminologia AAS, terminologia de animais de terapia, regulamentações governamentais em AAS e educação continuada em AAS; os presidentes dos grupos de trabalho de terminologia AAS foram confirmados
Setembro de 2022	Os resultados e recomendações foram apresentados nas conferências IAHAIO e AAIL
Setembro de 2022– Junho de 2023	A força-tarefa de Terminologia Internacional se reuniu mensalmente para começar a montar o artigo de recomendações
Junho de 2023	Rascunho do artigo enviado aos membros da AAIL e IAHAIO e a Nancy Gee, Aubrey Fine e Zenithson Ng para revisão por pares
Julho de 2023	As edições sugeridas no processo de revisão acima foram discutidas entre a força-tarefa e os membros principais da AAIL/IAHAIO e implementadas conforme aplicável; essa versão foi enviada ao consórcio internacional maior (IC-AAI) para revisão.
Agosto de 2023	As edições desse processo de revisão foram discutidas entre a força-tarefa e implementadas conforme aplicável.
Outubro de 2023	Artigo submetido ao periódico Human Animal Interaction (CABI) para revisão por pares e publicação

Resultados

SERVIÇOS ASSISTIDOS POR ANIMAIS

Propomos que o termo serviço assistido por animais (SAA) substitua AAI como o termo geral para o espectro completo de práticas nas quais os animais são incluídos em vários papéis para o benefício dos humanos. AAS são definidos como as práticas, programas e serviços humanos mediados, guiados ou liderados por facilitadores que incorporam animais especialmente qualificados em processos terapêuticos, educacionais, de suporte e/ou de melhoria, visando melhorar o bem-estar dos humanos, ao mesmo tempo em que garantem o bem-estar dos animais envolvidos nessas práticas. Existem três categorias de AAS: tratamento assistido por animais (TAA), educação assistida por animais (AAE) e programas de suporte assistido por animais (AASP) (ver Figuras 1 e 2).

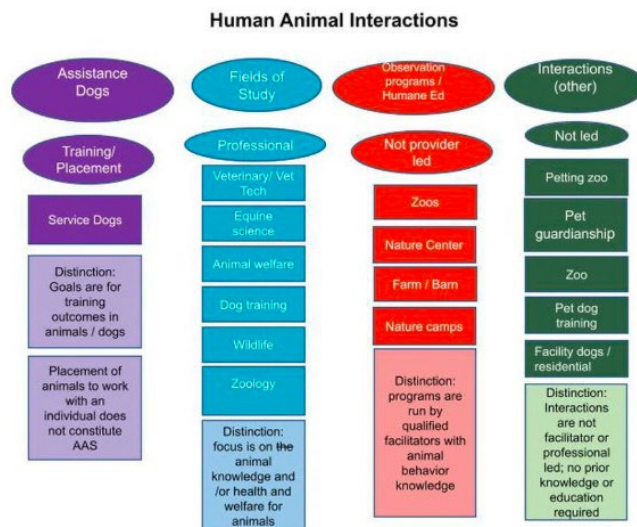


Fig. 1. Exemplos de interações entre humanos e animais que não são consideradas serviços assistidos por animais.

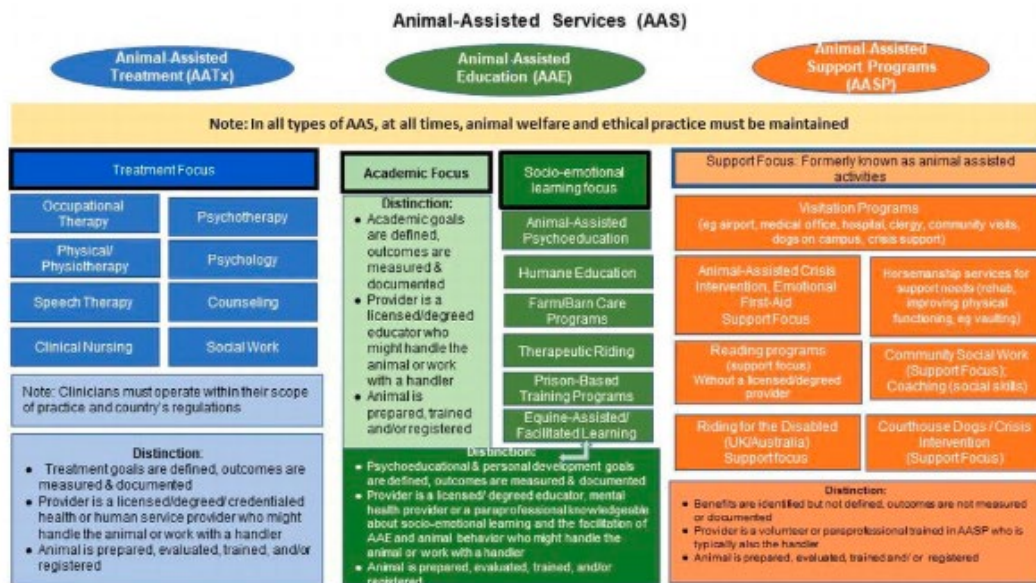


Fig. 2. Exemplos de serviços assistidos por animais que incluem área de foco e distinções.

AAS são uma categoria distinta de interações humano-animal, onde interações humano-animal são descritas como “qualquer maneira de relacionamento ou comportamento entre pessoas e animais. Essas interações podem variar amplamente e ser positivas, negativas ou neutras para qualquer uma das partes. Elas podem ocorrer em contextos individuais, comunitários ou sociais” (AVMA, 1998). O Apêndice A (exemplos de HAIs que não são SAA) fornece mais clareza sobre a distinção entre HAI e AAS.

Em AAS, o vínculo humano-animal (definido como um relacionamento mutuamente benéfico e dinâmico entre pessoas e animais que é influenciado por comportamentos considerados essenciais para a saúde e bem-estar de ambos, AVMA, 1998) pode ou não se desenvolver, dependendo do processo especializado que está sendo facilitado e da experiência subjetiva do profissional, do receptor e do(s) animal(ais). Alguns SAA desenvolvem intencionalmente o (potencial para) vínculo humano-animal para facilitar a mudança no cliente. Outros SAA incluem interações com animais onde o vínculo humano-animal pode não se desenvolver, no entanto, outros mecanismos envolvendo animais e apoiando a mudança estão envolvidos (como observar um grupo de cavalos para projetar e refletir sobre a dinâmica familiar de um cliente). Firmemente incorporado na definição de AAS está uma ênfase na necessidade de práticas adequadas de bem-estar animal em todas as categorias. Isso é abordado em mais detalhes na Seção “Bem-estar e bem-estar animal”. As Figuras 1 e 2 fornecem uma ilustração gráfica das três categorias principais sob o termo abrangente, AAS.

TRATAMENTO ASSISTIDO POR ANIMAIS (TAA)

O tratamento assistido por animais (TAA) substitui a terapia assistida por animais (AAT). Em termos mais simples, TAA é focado no tratamento. TAA se refere a uma classe de modalidades de tratamento profissional de saúde mental ou física para as quais a integração de animais, direta ou indiretamente, é um componente crítico da abordagem de tratamento do profissional. T foi escolhido porque é uma abreviação médica comum para o termo tratamento e é reconhecido em fontes médicas aceitas, como o The American Heritage Stedman's Medical Dictionary (Stedman, 2004) (por exemplo, T para tratamento, D para diagnóstico, H para histórico, etc.).

O termo *tratamento* é mais inclusivo para profissões que empregam uma variedade de tratamentos por profissionais de saúde física e mental que não são necessariamente terapia, mas são parte do escopo de sua profissão. Cada provedor de TAA subscreve as metas e técnicas definidas e aceitas na profissão e disciplina específicas, bem como o tipo e nível de treinamento profissional/acadêmico e competências que são necessárias para licenciamento e/ou credenciamento para a profissão específica no país em que o serviço ocorre. É importante ressaltar que, embora o TAA possa ser interpretado como um *complemento a outra abordagem de tratamento* (por exemplo, um terapeuta pode usar uma terapia baseada em evidências, como terapia cognitivo-comportamental, ao interagir com o animal,

referindo-se amplamente a essa prática como TAA, o TAA pode ser integrado como *a abordagem de tratamento primária* escolhida com uma justificativa clínica clara (por exemplo, psicoterapia humanística assistida por animais). Os profissionais de TAA devem praticar dentro do escopo de sua profissão (por exemplo, terapia ocupacional, aconselhamento, etc.) e com a população-alvo aceita dessa profissão, de acordo com os padrões, competências e ética da prática profissional em conformidade com os do país em que é praticado. É fundamental observar que diferentes países definem o escopo de várias profissões de maneiras diferentes. Por exemplo, em alguns países, a psicoterapia pode ser conduzida dentro do escopo da psicologia clínica, aconselhamento e serviço social, enquanto em outros países os profissionais de qualquer ou todas essas profissões devem obter treinamento adicional para se tornarem psicoterapeutas licenciados.

Um profissional TAA competente e ético deve ser treinado e supervisionado primeiro em sua profissão licenciada/credenciada (por exemplo, aconselhamento, terapia ocupacional) e depois na área especializada de tratamento que está sendo fornecida (por exemplo, psicoterapia assistida por animais, terapia ocupacional assistida por animais, terapia da fala assistida por animais). A educação e o treinamento adicionais incluiriam o estudo do vínculo humano-animal, estudos com animais, bem-estar animal e considerações éticas, bem como a teoria e metodologia prática TAA baseada em disciplina específica que eles estão utilizando, se tais cursos estiverem disponíveis em seu país. A maioria dos códigos de ética profissional declara que o ônus é do profissional para tomar as medidas necessárias para encontrar educação e treinamento antes de incluir a modalidade de especialidade em sua prática (veja, por exemplo, Disponível em: <https://www.apa.org/ethics/code>, acessado em 10 de setembro de 2023). Um grupo de trabalho separado formado por meio do IC-AAI está atualmente trabalhando no estabelecimento de melhores práticas para a educação e treinamento de provedores que desejam incluir animais em uma capacidade de programa de tratamento, educacional ou de serviço. Dependendo da técnica do TAA em particular, o profissional pode trabalhar em colaboração com um tratador de animais ou especialista em animais/equinos para promover os objetivos do tratamento. É recomendado que o tratador/especialista tenha frequentado cursos relacionados ao campo específico do TAA.

A prática do TAA pode ocorrer em um ambiente tradicional (como uma clínica, salas de prática privada, hospital etc.) ou em um ambiente não tradicional, como um zoológico, estábulo privado, centro de reabilitação animal, habitat natural, prisão, etc. A seguir está uma lista de como os profissionais do TAA podem identificar seu trabalho:

- Terapia Ocupacional Assistida por Animais
- Fisioterapia/fisioterapia assistida por animais
- Terapia da fala assistida por animais
- Enfermagem Clínica Assistida por Animais**

**Isso pode se aplicar a um enfermeiro psiquiátrico ou a um enfermeiro de prática avançada que tenha sido credenciado para conduzir terapia

- Psicoterapia Assistida por Animais**

**Prática de psicoterapia; os provedores ainda precisam operar dentro do escopo de sua profissão

- Psicologia Assistida por Animais
- Aconselhamento Assistido por Animais
- Trabalho Social Assistido por Animais

EDUCAÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS (EAA)

O grupo de trabalho manteve o nome da categoria de educação assistida por animais (AAE), usado historicamente, mas modificou a definição que foi publicada no white paper da IAHAIO de 2018. Nesta nova definição, AAE se refere a qualquer programa educacional no qual os animais são integrados, direta ou indiretamente, como um componente crítico de um processo educacional contínuo. Dependendo do grau e do tipo de treinamento do provedor de AAE, a natureza dos objetivos dos programas de AAE pode ser acadêmica, socioemocional, psicoeducacional, cognitiva, vocacional e/ou desenvolvimento pessoal ou organizacional, e pode se concentrar na regulação emocional, estratégias de enfrentamento, habilidades pró-sociais e/ou desenvolvimento de empatia. Um exemplo seriam programas que incluem leitura para cães. Um programa estabelecido em uma sala de aula, onde os alunos leem diariamente ou semanalmente para um cão e o processo é supervisionado por um professor ou paraprofissional com

o objetivo de aumentar os níveis de leitura, se enquadraria na classificação de AAE. No entanto, se conduzido por um voluntário em uma biblioteca durante visitas mensais, seria classificado como *um programa de apoio assistido por animais* (anteriormente atividade ou AAA).

AAE pode ocorrer em vários locais, como escolas que oferecem educação, prisões, estábulos e centros privados. Programas com animais especializados em objetivos de educação humanitária podem incluir aqueles operados por grupos de bem-estar animal, educação em museus, centros de natureza e meio ambiente. Programas em AAE podem incluir aprendizagem assistida por equinos e caninos, exigindo treinamento e conhecimento relevantes dos animais presentes no programa. Um programa de psicoeducação AAE pode envolver trabalhar com prisioneiros ou jovens em risco, ensinando habilidades sociais com o objetivo de ajudar o destinatário a sentir um senso de autovalor ou autoestima, adquirir habilidades positivas de autocontrole, internalizar limites e habilidades positivas de definição de limites. O provedor de AAE pode trabalhar com animais de propriedade da instalação, em colaboração com um assistente ou pode trabalhar com seu animal pessoal. Em todos os casos, é recomendável ter conhecimento do comportamento e comunicação animal para proteger a saúde e o bem-estar do animal e de todos os outros envolvidos no processo.

Os provedores de programas de AAE se enquadram em duas categorias, que são diferenciadas pelo grau de treinamento realizado por aqueles que realizam o programa: (1) Os profissionais de AAE são obrigados a ter um diploma acadêmico ou certificado em educação, dependendo do país onde o programa está ocorrendo. (2) Os profissionais de AAE não graduados são obrigados a ter treinamento ou cursos relevantes para o programa que fornecem. O processo de programas executados por qualquer provedor de AAE inclui sessões estruturadas ou semiestruturadas, avaliação e documentação das sessões. Dependendo dos objetivos do programa, os programas profissionais de AAE podem, às vezes, ser realizados por provedores profissionais de AAE não graduados que são ativamente supervisionados e direcionados por um profissional de saúde mental ou educacional.

Dissecação de animais, experimentos com animais ou coleta de animais para pesquisa não são considerados AAE.

PROGRAMAS DE APOIO AOS ANIMAIS

Com a intenção de substituir o termo “Atividades Assistidas por Animais”, a nova categoria proposta aqui, programas de apoio assistido por animais (PAAA), inclui apenas programas nos quais os animais estão envolvidos, direta ou indiretamente, em atividades destinadas a apoiar e melhorar o bem-estar dos humanos. Esses programas podem ter objetivos que incluem aumento da motivação, prevenção da solidão e do isolamento, redução da tensão e ansiedade, distração de situações difíceis ou conforto emocional. No caso de serviços de visitação animal, os provedores de serviços humanos e especialistas em animais podem ser tratadores voluntários com conhecimento relacionado em comportamento animal e treinamento nos níveis de espécie, raça e indivíduo. As atividades podem ou não ser documentadas, dependendo dos objetivos e demandas do AASP específico que está sendo realizado. Outros exemplos desses AAS incluem programas para cães em instalações de tribunais, intervenções formais de crise, defesa de vítimas, programas de visitação em prisões ou detenções, serviços de suporte e programas de treinamento de cães para reabilitação humana. Um AASP pode ser um complemento ao PAAA ou AAE.

Esses programas podem ser entregues de três maneiras diferentes, dependendo da formação do provedor:

- por profissionais com licença/diploma que também tenham treinamento especializado neste tipo de AASP nas circunstâncias/ambientes específicos do programa (por exemplo, coach de habilidades para a vida);
- por profissionais com licença/diploma ou equivalente, trabalhando em conjunto com um assistente que seja um tratador de animais treinado e qualificado;
- por voluntários (*veja os termos específicos do provedor abaixo*) que tenham educação, habilidades e/ou experiência na prestação deste tipo específico de atividade de apoio (por exemplo, equipe de visitação de animais), interação ou intervenção na circunstância, ambiente ou população-alvo específicos.

O termo “programas de suporte” provavelmente ajudará os provedores de serviços de suporte a sentir que seu trabalho é importante para fazer a diferença na vida do destinatário, mais do que simplesmente “executar uma atividade”. Esse trabalho é de igual importância ao de um terapeuta, mas é diferente em natureza (objetivos, métodos, treinamento do provedor de serviços, etc.).

TERMOS ESPECÍFICOS DO PROVEDOR

Historicamente, os termos usados para descrever a participação humana na condução de PAAA têm sido um tanto obscuros. Os termos usados por indivíduos para descrever a si mesmos também têm sido frequentemente obscuros e inconsistentes. Por exemplo, indivíduos que são voluntários com seus cães visitantes registrados em visitas hospitalares podem ter se referido a si mesmos como terapeutas assistidos por animais. No entanto, isso não seria preciso porque nenhuma "terapia" está sendo conduzida. Os autores deste artigo recomendam os seguintes termos para melhor representar o trabalho que está sendo feito dentro de categorias específicas: Profissionais graduados e não graduados, paraprofissionais, voluntários (Fig. 3).

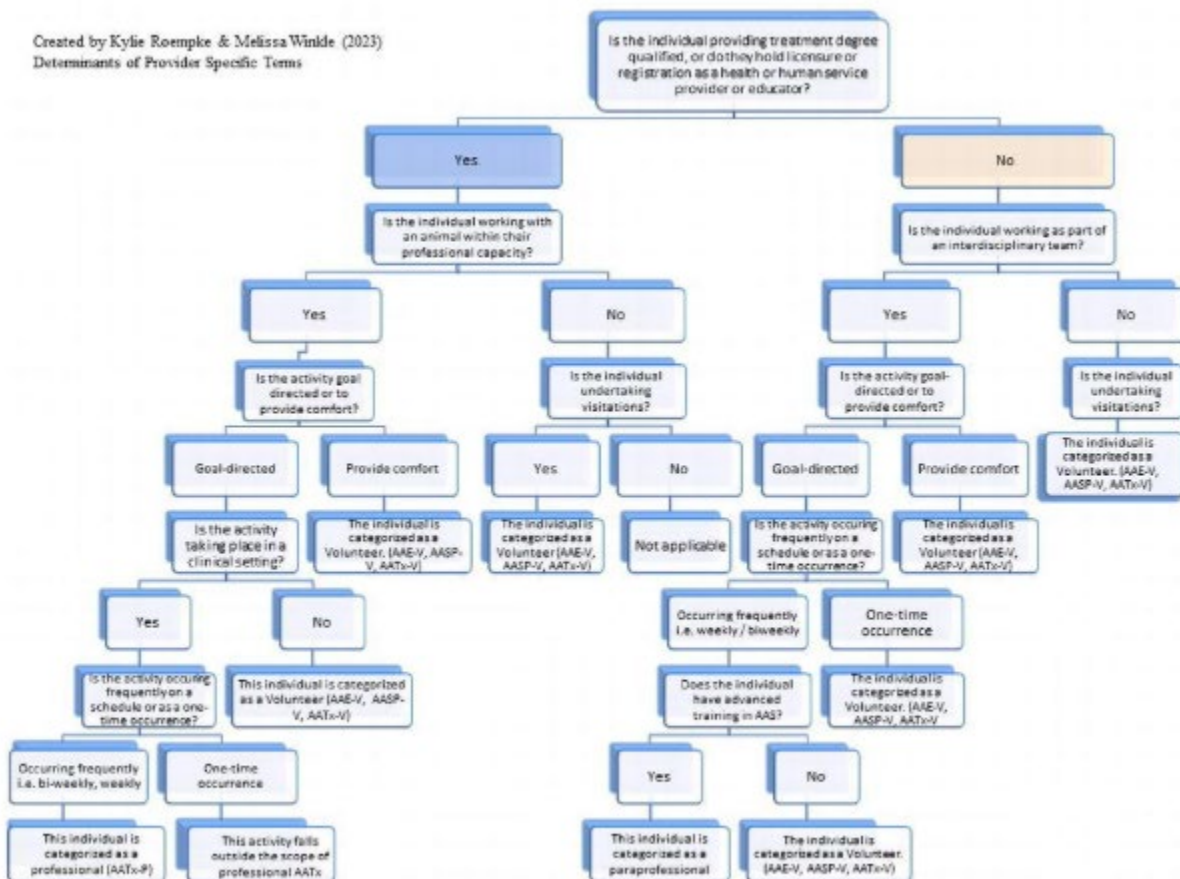


Fig. 3. Determinantes do termo específico do provedor: profissional.

Esta árvore de decisão pode ajudar o provedor a determinar sua função e categoria de AAS que está sendo conduzida.

Profissional – PPT

O provedor profissional de tratamento (PPT) é o indivíduo que fornece tratamento com um diploma acadêmico ou profissional, licença relacionada ou registro como um provedor de serviços de saúde ou humanos (por exemplo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, psicólogo, conselheiro profissional licenciado, psicoterapeuta registrado, assistente social ou enfermeiro psiquiátrico). O serviço seria definido como PPT se o provedor profissional estivesse supervisionando ou direcionando a interação com resultados definidos para o cliente em um ambiente clínico em um cronograma consistente. O serviço não seria PPT se esse mesmo provedor profissional estivesse visitando um ambiente hospitalar com seu cão fora de seu horário de trabalho ou função profissional. Esse provedor profissional seria um voluntário nesse cenário, potencialmente fornecendo suporte assistido por animais.

A próxima consideração envolve os resultados desejados. Quais objetivos ou resultados os indivíduos estão buscando atingir com seus clientes? Objetivos e resultados devem ter valor para o processo terapêutico que ajude na obtenção de objetivos de curto e longo prazo relacionados à profissão específica. Se o objetivo for fornecer conforto, embora considerado terapêutico, ele ficaria fora do escopo profissional do PPT.

E, finalmente, a frequência das interações precisa ser levada em conta. O tratamento é conduzido ao longo de um período de tempo, em vez de uma interação única. Reuniões semanais ou quinzenais para trabalhar em direção a um resultado terapêutico com a inclusão de um animal em sessões com um profissional de terapia atendem melhor aos critérios de tratamento.

Paraprofissional – PPT-PP

Um paraprofissional é “uma pessoa a quem um aspecto particular de uma tarefa profissional é delegado, mas que não é licenciado para praticar como um profissional totalmente qualificado”. Esta definição descreve o trabalho de um voluntário (pago ou não) que trabalha sob a supervisão ou direção de um profissional.

Voluntário – VTAA, VEAA, VPSAA

A abreviação seria, com base no contexto da interação, voluntário de tratamento assistido por animais (VTAA), voluntário de educação assistida por animais (VEAA) ou voluntário de programa de suporte assistido por animais (VPSAA). A diferença entre uma função paraprofissional e uma função voluntária seria se o manipulador faz parte da equipe interdisciplinar ou fornece seu animal em uma capacidade de visita. A função do voluntário neste contexto é o manejo de animais. Pode ser uma equipe de cães visitantes em um ambiente hospitalar ou um manipulador de animais trazendo um cão para o ambiente escolar para visitar os alunos ou permitir que os alunos leiam para o cão.

Discussão

COMPETÊNCIA E QUALIFICAÇÕES

Um dos principais critérios que diferenciam os tipos de AAS é a qualificação e a expertise do provedor (e daqueles que oferecem treinamento e educação continuada aos provedores). Cada pessoa que fornece qualquer tipo de AAS precisa ser um provedor competente. No entanto, dependendo da técnica ou abordagem envolvida na entrega do AAS, cada tipo de serviço exigirá um conjunto particular de habilidades necessárias para que o provedor alcance a competência, habilidades que são desenvolvidas por meio de treinamento e concessão de qualificações, bem como educação continuada ou desenvolvimento profissional.

Embora existam padrões e diretrizes publicados para incluir animais em serviços (IAHAIO, [2018](#) ; AAIL, [2014](#) , [2020](#) , [2022](#)), bem como competências (ISAAT/ESAAT; IAAAP – Associação Israelense de Psicoterapia Assistida por Animais, [2015](#) ; Associação Americana de Aconselhamento, [2020](#) ; Chandler, [2017](#) ; VanFleet e Faa-Thompson, [2017](#) ; AAIL, [2020](#)); e ética endossada por organizações profissionais nacionais (Associação Americana de Aconselhamento, [2020](#) ; IAAAP – Associação Israelense de Psicoterapia Assistida por Animais, [2016](#) ; Seção 13 de Interações Humano-Animal da Associação Americana de Psicologia, 2020), permanece o desafio de chegar a um consenso sobre treinamento e qualificações específicas que acomodem diferenças regionais, nacionais e internacionais em definições (por exemplo, especialistas) e qualificações.

Atualmente, há grandes variações no conteúdo do curso e no que as qualificações e cargos representam. Ao tentar chegar a um consenso em terminologias em AAS, precisamos também ser claros sobre o que significam termos como “profissional”, “licenciado”, “qualificado”, “avaliado”, “certificado”, “registrado”.

Embora todos os animais devam ser examinados quanto à adequação ao AAS em que estão participando, alguns animais exigirão educação, treinamento e avaliação adicionais para sua função especializada, incluindo registro de animais (por exemplo, um cão treinado e incluído em uma sessão baseada em sala de terapia da fala). O tipo e o grau de treinamento e avaliação dependem dos objetivos, do processo envolvido, da população atendida, do ambiente e do tipo de animal. Outros SAA podem não exigir tal treinamento, mas os animais podem ser escolhidos por seu temperamento ou personalidade. O treinamento, a supervisão e o registro abrangentes do provedor de AAS *especializado* servirão para promover a segurança do animal e do receptor, limitar o risco e a responsabilidade

para o provedor e contribuir para a eficácia geral e o profissionalismo de cada um dos ramos especializados de SAA (dentro das especialidades TAA, EAA e PAAA).

O campo de amadurecimento do AAS, com sua gama crescente e diversificada de serviços, exigirá o crescimento de *caminhos de educação, treinamento e registro mais especializados e abrangentes* e oportunidades para futuros provedores de serviços de dentro de cada especialização TAA, EAA e PAAA. Esse amadurecimento envolve se afastar dos cursos AAS mais popularizados, generalizados e baseados em informações (antigos cursos virtuais AAI) e tendências de registro ou certificação de animais "tamanho único" em direção a um treinamento e educação acadêmicos e práticos mais específicos para o serviço, aprofundados, disponíveis em níveis equivalentes de graduação e pós-graduação (quando apropriado para licenciamento), bem como uma compreensão mais bem desenvolvida da avaliação do animal para a função que ele tem no serviço.

Conforme observado anteriormente neste artigo, há um grupo de trabalho separado, parte do IC-AAI, trabalhando em qualificações, educação e treinamento de provedores e animais para se alinhar ao trabalho apresentado neste artigo sobre terminologias, que deve estar pronto em 2024.

BEM-ESTAR E BEM-ESTAR ANIMAL

À medida que a gama de serviços de AAS cresceu, também cresceu a conscientização sobre a importância central do bem-estar e bem-estar animal e da garantia da saúde e segurança de humanos e animais envolvidos em AAS (Haubenhofers e Kirchengast, [2006](#); Grandgeorge e Hausberger, [2011](#); Glenk *et al.*, [2014](#); Glenk, [2017](#); Enders-Slegers e Hediger, [2019](#); Fine *et al.*, [2019](#); Winkle *et al.*, [2020](#); Wijnen e Martens, [2022](#)). Além disso, é crucial que os animais incluídos no AAS não sejam apenas adequados para suas funções, mas que participem e/ou prosperem voluntariamente no ambiente do AAS. Uma inspeção mais aprofundada das terminologias também deve considerar essas questões, tornando a adequação e as necessidades de bem-estar do animal participante uma parte integrante do processo.

DIFERENÇAS REGIONAIS E NACIONAIS NA LINGUAGEM E NO SIGNIFICADO

Chegar a um consenso em terminologias AAS requer sensibilidade às diferenças regionais em termos de como a linguagem e os termos são traduzidos em diferentes regiões, e como vários treinamentos e qualificações se comparam em diferentes partes do mundo. Por exemplo, nossa descrição do treinamento e das qualificações exigidas por alguém que fornece TAA, ou seja, um profissional licenciado e graduado em saúde humana ou serviços humanos, pode em muitos países descrever um "terapeuta". Em outros países, o termo "terapeuta" pode ter uma aplicação mais ampla e incluir pessoas com treinamento especializado, mas sem diplomas ou licença para praticar em um campo específico.

Outro exemplo é o uso do termo "paraprofissional". Em várias disciplinas nos Estados Unidos, indivíduos que não têm diplomas clínicos ou educacionais, mas que colaboram com profissionais de saúde ou serviços humanos que têm, são chamados de paraprofissionais. Se estiverem atuando como paraprofissionais no contexto da AAS, esses indivíduos devem ter amplo conhecimento de seu animal em uma espécie, raça e níveis individuais, de seus conjuntos de habilidades e preferências, bem como conhecimento de leis, regulamentos, resultados e técnicas relacionadas às suas funções trabalhando com o profissional graduado. Em diferentes partes do mundo, o termo paraprofissional não é amplamente usado e, em vez disso, é feita referência a "manipuladores" ou "especialistas" que atendem a esses mesmos critérios ou critérios muito semelhantes.

Um terceiro exemplo é o termo "conselheiro". Dependendo da região, um conselheiro pode ser formalmente educado, graduado e certificado ou licenciado para diagnosticar e desenvolver planos de tratamento. Outras regiões têm conselheiros sem treinamento para diagnosticar ou escrever planos de tratamento, mas foram certificados para fornecer serviços de apoio social a alunos/clientes. Mais debates e discussões são necessários para fornecer mais clareza, mas por enquanto parece que o ônus está no profissional para entender como seus órgãos governamentais os classificam dentro de sua região.

CONCLUSÃO

Este grupo de trabalho representado internacionalmente buscou descrever os problemas com a ambiguidade atual na gama de serviços que têm sido comumente chamados de AAI (de acordo com o termo AAS), para fornecer clareza

sobre definições e terminologias e especificar critérios para diferenciação entre eles. O termo geral AAS é recomendado, o qual abrange três categorias principais. TAA se refere à integração de animais na prática de saúde mental e física profissional, na qual o profissional pratica de acordo com o escopo, objetivos e técnicas dessa profissão. AAE se refere a um serviço educacional com objetivos acadêmicos, instrutivos, cognitivos, de aprendizagem socioemocional e psicoeducacionais, praticados por educadores credenciados e informais. Uma nova categoria proposta é AASP, que inclui serviços previamente existentes (por exemplo, atividades de visitação animal), bem como aqueles que evoluíram e foram desenvolvidos nos últimos 10 anos (por exemplo, programas para cães em instalações de tribunais). AASP, que pode ser motivacional e social por natureza, ou fornecer conforto emocional, envolve programas que visam apoiar e melhorar o bem-estar humano com a ajuda de animais. Os provedores podem ou não ser credenciados, mas devem ter algum treinamento em seu programa de serviço. Termos específicos do provedor também são propostos para esclarecer as funções dos provedores de diferentes serviços.

Todos os provedores de serviços devem ter educação e treinamento na área de especialidade AAS que estão fornecendo, incluindo conhecimento e habilidades apropriados relacionados à integração de animais no serviço (por exemplo, estudos com animais, cuidados com animais, bem-estar animal, ética). Um grupo de trabalho separado no Consórcio Internacional de Interações Assistidas por Animais detalhará os resultados para a educação do provedor em um artigo diferente.

O bem-estar animal, às vezes negligenciado em serviços de AAS com foco em benefícios humanos, é incluído como uma parte crucial do escopo e da responsabilidade de cada serviço, firmemente incorporado à definição de AAS. Uma reconsideração do termo enganoso “animal de terapia” também é apresentada, mas foi rigorosamente abordada por outro grupo de trabalho como parte do IC-AAI, bem como outro grande grupo de colaboradores, compreendendo pesquisadores, profissionais e beneficiários finais (Howell *et al.*, 2022).

Apresentamos uma tipologia que define expectativas claras para cada AAS, com distinções claras entre elas. Incentivamos todos os provedores de SAA a identificar e descrever seu trabalho usando as três categorias principais propostas. O diálogo pode então se desenvolver entre vários AAS sobre questões concernentes a todos, como ética e possibilidades de cooperação, levando a melhorias na prática, pesquisa e decisões políticas.

Indivíduos, organizações e provedores educacionais, que têm interesse especial em HAI e AAS em qualquer capacidade, podem ajudar a fazer essa mudança ao fazer parte do movimento para profissionalizar os serviços nessas áreas. Eles podem fazer isso participando das atividades listadas abaixo:

- revisar a terminologia atualizada e a justificativa para as mudanças (como este artigo ou quaisquer ferramentas a seguir) com conselhos de administração, outros tomadores de decisão, membros de organizações e alunos;
- publicar mudanças terminológicas em sites, redes sociais, grupos intra e interdisciplinares;
- entrar em contato com editores de periódicos que publicam conteúdo sobre HAI ou AAS com um resumo desses termos atualizados, bem como aplicar essa terminologia aos revisores de periódicos;
- escrever e publicar comentários resumidos sobre as mudanças para periódicos e revistas profissionais;
- envie este artigo ou resumos para organizações profissionais de várias disciplinas (por exemplo, American Counseling Association) e adicione artigos às áreas de atuação que atraem os interessados em HAI ou AAS;
- oferecer workshops curtos em conferências estaduais ou nacionais;
- fornecer webinars, blogs e postagens em mídias sociais;
- entrar em contato com autoridades oficiais de notícias regionais (televisivas, gravadas ou escritas) e apresente esse conteúdo como uma história;
- entrar em contato com organizações relacionadas, como aquelas que treinam cães de assistência, grupos de bem-estar, organizações de treinamento;
- iniciar discussões em reuniões de equipe, com colegas, estagiários, voluntários e alunos;
- entrar em contato com agências governamentais nacionais e regionais que possam ter documentos oficiais, leis ou regras;
- fazer uma gravação resumida e compartilhe o link nas redes sociais e outras plataformas baseadas na web;
- revisar ou construir documentos internos ou oficiais em sua empresa, organização, etc.;

- modificar o nome do consórcio e assinar um novo Memorando de Acordo (MOA) do Consórcio Internacional de Interações Assistidas por Animais (IC-AAI), que será desenvolvido pela IAHAIO e AAI para terminologias atualizadas, o que inclui o endosso e o compartilhamento das recomendações nos sites da organização.

OBSERVAÇÃO

¹ Este artigo não abordará a terminologia de “animais de terapia”, pois isso foi feito recentemente (Howell *et al.*, 2022), mas se concentrará na terminologia referente às interações em si. Os autores recomendam que os leitores se familiarizem com o artigo acima mencionado e considerem os mal-entendidos, complicações e implicações éticas de continuar a usar o termo “animais de terapia” em contextos não terapêuticos ou não de tratamento.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

DECLARAÇÃO DE ÉTICA

Esta pesquisa seguiu padrões éticos para condução de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer aos praticantes, manipuladores, pesquisadores e educadores que compareceram aos workshops e participaram do processo de pesquisa. Além disso, os autores gostariam de agradecer a Kylie Roempke pelo desenvolvimento do fluxograma Determinants of Provider Specific Terms para melhorar muito a determinação de funções, e a Aubrey Fine, Nancy Gee e Zenithson Ng pela revisão do documento e a todos os membros do International Consortium of AAI (IC-AAI) que forneceram insights e informações valiosas que melhoraram muito o resultado deste artigo.

CONTRIBUIÇÕES DO AUTOR

Melissa Winkle liderou o projeto e se conectou com Amy Johnson Binder (representando a AAI) e Marie-Jose Slegers-Enders e Jo-Ann Fowler (IAHAIO) para começar a inicialização do consórcio e recrutamento. Este grupo central desenvolveu o primeiro rascunho do artigo e forneceu revisão, edições e orientação contínuas. Os primeiros cinco autores contribuíram para mais de uma dúzia de iterações deste manuscrito e os autores adicionais participaram das reuniões mensais para discutir o conteúdo e revisaram o artigo e ofereceram seus insights.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

Esta pesquisa não recebeu financiamento externo.

MATERIAL SUPLEMENTAR

Observação: o CABI não é responsável pelo conteúdo ou funcionalidade dos arquivos suplementares fornecidos pelos autores e quaisquer dúvidas devem ser direcionadas ao autor correspondente.

Material suplementar

Referências

AAI (Animal-Assisted Intervention International) (2014) *Padrões de prática geral para AAA, AAT, AAE e AS*, documento arquivado.

AAII (Animal-Assisted Intervention International) (2020) Disponível em: <https://aai-int.org/aai/animal-assisted-intervention/> (acessado em 7 de outubro de 2023).

AAII (Animal-Assisted Intervention International) (2022) Disponível em: <https://aai-int.org/aai/standards-of-practice/> (acessado em 7 de outubro de 2023).

American Counseling Association (2020) Disponível em: <https://www.counseling.org/knowledge-center/competencies> (acessado em 7 de outubro de 2023).

AVMA (1998) American Veterinary Medical Association. Declaração do comitê sobre o vínculo humano-animal. *JAVMA* 212, 1675.

Beck, AM e Katcher, AH (2003) Direções futuras na pesquisa de vínculo humano-animal. *American Behavioral Scientist* 47(1), 79–93.

Cabré, MT (2002) *Terminologia e normalização linguística. Jornadas (EHU: LEIOA) Terminologia e idiomas de especialização*. Euskara Institutua EHU-LEIOAKO CAMPUSA País Basc.

Chandler, CK (2017) *Terapia Assistida por Animais em Aconselhamento*. Taylor & Francis, Londres.

Enders-Slegers, MJ e Hediger, K. (2019) Posse de animais de estimação e interação humano-animal em uma população envelhecida: recompensas e desafios. *Anthrozoös* 32(2), 255–265.

Fine, AH (ed.) (2010) *Handbook on Animal-Assisted Therapy: Fundamentos teóricos e diretrizes para a prática*. Academic Press, Oxford, Reino Unido.

Fine, AH e Andersen, SJ (2021) Um comentário sobre as questões contemporâneas que confrontam as interações assistidas por animais e equinos. *Journal of Equine Veterinary Science* 100, 103436.

Fine, A. e Beck, A. (2015) Compreendendo nosso parentesco com os animais: contribuição para profissionais de saúde interessados no vínculo humano-animal. Em: *Handbook on Animal-Assisted Therapy*. Academic Press, Oxford, Reino Unido, pp. 3–10.

Fine, A., Tedeschi, P., Morris, K. e Elvove, E. (2019) Pensamento avançado: O campo em evolução das interações humano-animal. Em: *Handbook on Animal-Assisted Therapy*, 5ª ed. Academic Press, Oxford, Reino Unido, pp. 23–41.

Glenk, LM (2017) Perspectivas atuais sobre o bem-estar de cães de terapia em intervenções assistidas por animais. *Animals* 7(2), 7.

Glenk, LM, Kothgassner, OD, Stetina, BU, Palme, R., Kepplinger, B. e Baran, H. (2014) Cortisol salivar e comportamento em cães de terapia durante intervenções assistidas por animais: Um estudo piloto. *Journal of Veterinary Behavior* 9(3), 98–106.

Grandgeorge, M. e Hausberger, M. (2011) Relações humano-animais: da vida cotidiana às terapias assistidas por animais. *Annali dell'Istituto superiore di sanità* 47, 397–408.

Griffin, J., McCune, S., Maholmes, V., Hurley, K., McCardle, P. et al. (2011) *Pesquisa científica sobre interação humano-animal. Animais em nossas vidas: interação humano-animal em ambientes familiares, comunitários e terapêuticos*, pp. 227–236.

Haubenhofer, DK e Kirchengast, S. (2006) Excitação fisiológica para cães de companhia trabalhando com seus donos em atividades assistidas por animais e terapia assistida por animais. *Journal of Applied Animal Welfare Science* 9(2), 165–172.

Howell, TJ, Nieforth, L., Thomas-Pino, C., Samet, L., Agbonika, S. et al. (2022) Definindo termos usados para animais que trabalham em funções de apoio para pessoas com necessidades de apoio. *Animals* 12(15), 1975.

IAAAP (Associação Israelense de Psicoterapia Assistida por Animais) (2015) Disponível em: https://www.iaapsytherapy.org/files/ugd/aa2bac_9aa8bcf00e2444e8ada35554474c5496.pdf (acessado em 7 de outubro de 2023).

IAAAP (Associação Israelense de Psicoterapia Assistida por Animais) (2016) Disponível em: https://www.iaapsytherapy.org/files/ugd/aa2bac_fc496572f1394a1eab78b10f2adef1f3.pdf (acessado em 7 de outubro de 2023).

IAHAIO (International Association of Human-Animal Interaction Organizations) (2018) The IAHAIO Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved in AAI. Disponível em: <https://iahaio.org/best-practice/white-paper-on-animal-assisted-interventions/> (acessado em 7 de outubro de 2023).

Kruger, KA e Serpell, JA (2010) Intervenções assistidas por animais em saúde mental: Definições e fundamentos teóricos. Em: *Handbook on Animal-Assisted Therapy* . Academic Press, pp. 33–48.

Loss, J. (2008) Conceitos de intervenção em prevenção. Em: Kirch, W. (ed.) *Encyclopedia of Public Health* . Springer, Dordrecht.

Mattila-Rautiainen, S., Brennan, R., Emond, N., Horne, V., Volpe, G., Arrieta, K. e Stergiou, A. (2023). Um estudo internacional prospectivo de terminologia em interações humano-equinas resultados preliminares. *HETI International Research and Practice* 22(1), 13.

Parish-Plass, N. (2014) Order Out of Chaos: A Call for Clear and Agreed-Upon Definitions Differentiating between Animal-Assisted Interventions. Disponível em: <https://haifa.academia.edu/NancyParishPlass> (acessado em 7 de outubro de 2023).

Stedman, TL (2004) *The American Heritage Stedman's Medical Dictionary* , 2ª edição. Houghton Mifflin.

Trevathan-Minnis, M., Johnson, A. e Howie, AR (2021) Recomendações para competências profissionais transdisciplinares e ética para terapias e intervenções assistidas por animais. *Veterinary Sciences* 8(12), 303.

VanFleet, R. e Faa-Thompson, T. (2017) *Terapia de Brincadeira Assistida por Animais* . Professional Resource Press, Sarasota, FL. Capítulo 6.

Wijnen, B. e Martens, P. (2022) Animais em serviços assistidos por animais: são voluntários ou profissionais? *Animais* 12(19), 2564.

Winkle, M., Johnson, A. e Mills, D. (2020) Bem-estar, bem-estar e comportamento de cães: considerações para seleção, avaliação e adequação para terapia assistida por animais. *Animals* 10(11), 2188.

Wood, W. et al. (2021) Terminologia ideal para serviços nos Estados Unidos que incorporam cavalos para beneficiar pessoas: Um documento de consenso . *The Journal of Alternative and Complementary Medicine* 27(1), 88–95.